



José Saramago

José Saramago

uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário

Ficha técnica

Seleção local: Paulo Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

2018

José Saramago Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

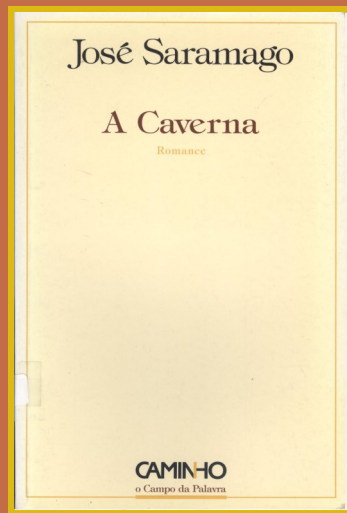
- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!

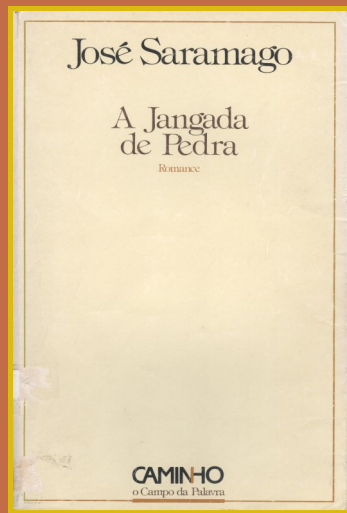


Cota: 821.134.3-31 SAR

Adiante da Cintura Industrial, na estrada, já nos terrenos baldios ocupados pelas barracas, vê-se um camião queimado. Não há sinais de mercadoria que transportava, apenas uns dispersos e enegrecidos restos de caixotes sem dizeres sobre o conteúdo e a procedência. Ou a carga tinha ardido com o camião, ou conseguiram retirá-la antes de o fogo alastrar. O chão está molhado ao redor, o que mostra que os bombeiros acudiram ao sinistro, mas, pelos vistos, chegaram tarde, uma vez que o camião ardeu todo. Estacionado à frente há dois carros da polícia de trânsito, no outro lado da estrada um veículo militar de transporte de pessoal. O oleiro abrandou a velocidade a fim de ver melhor o que sucedera, mas os polícias, ríspidos, de cara fechada, deram-lhe ordem de avançar rapidamente, apenas teve tempo de perguntar se tinha havido mortes, mas não lhe fizeram caso. Siga, siga, gritavam, e faziam gestos violentos com os braços. Foi então que Cipriano Algor olhou para o lado e reparou que havia soldados movendo-se entre as barracas. Por causa da velocidade não conseguiu ver mais do que isto, salvo que parecia estarem a fazer sair das casas os moradores. (p. 90)

Saramago, José. (2000). *A caverna* (3.ª ed.). Lisboa: Caminho.

Os textos

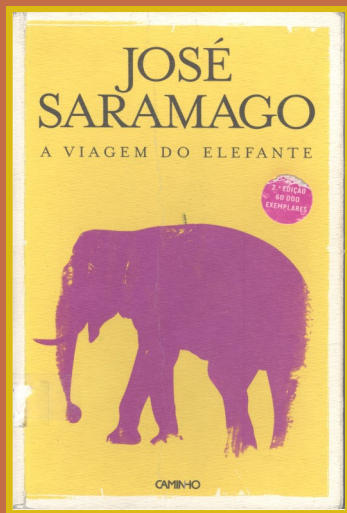


Cota: 821.134.3-31 SAR

Os textos

Mãe amorosa, a Europa afligiu-se com a sorte das suas terras extremas, a ocidente. Por toda a cordilheira pirenaica estalavam os granitos, multiplicavam-se as fendas, outras estradas apareceram cortadas, outros rios, regatos e torrentes mergulharam a fundo, para o invisível. Sobre os cumes cobertos de neve, vistos do ar abria-se uma linha negra e rápida, como um rastilho de pólvora, para onde a neve escorregava, e desaparecia, com um rumor branco de pequena avalanche. Os helicópteros iam e vinham sem descanso, observavam os picos e os vales, abarrotados de peritos e especialistas de tudo quanto parecesse ser de alguma utilidade, geólogos, esses por direito próprio, apesar de agora lhes estar vedado o trabalho de campo, sismólogos, perplexos, porque a terra teimava em manter-se firme, sem um estremecimento, ao menos uma vibração, e também vulcanólogos, secretamente esperançados, não obstante estar o céu limpo, despejado de fumos e fogos, perfeito e liso azul de agosto, o rastilho de pólvora não passou de comparação, é um perigo tomá-las à letra, estas e outras, se antes não aprendemos a estar prevenidos. (p. 33)

Saramago, José. (1991). *A jangada de pedra* (5.ª ed.). Lisboa: Caminho.

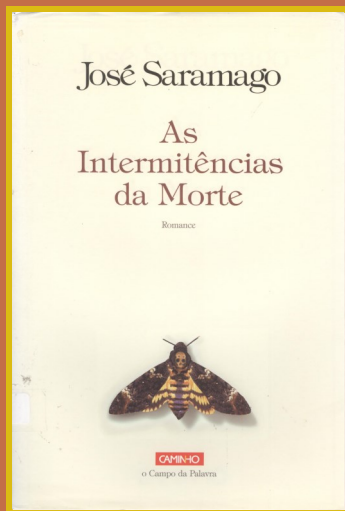


Cota: 821.134.3-31 SAR

A caravana de homens, cavalos, bois e elefante foi engolida definitivamente pela bruma, nem sequer se distingue a mancha do extenso vulto do ajudante que formam. Vamos ter de correr para alcançá-la. Felizmente, considerando o pouco tempo que ficámos a assistir ao debate dos hérules da aldeia, o pessoal não poderá ir muito longe. Em situação de visibilidade normal ou de bruma menos parecida com puré que esta, bastaria seguir os rastros das grossas rodas do carro de bois e do carro da intendência no chão amolecido, mas, agora, nem mesmo com o nariz a roçar a terra se conseguia descobrir que por aqui passou gente. E não só gente, também animais, como ficou dito, alguns de certo porte, como os bois e os cavalos, e em particular o paquiderme conhecido na corte portuguesa como salomão, cujos pés, só por si, teriam deixado no solo a marca de umas pegadas enormes, quase circulares, como as dos dinossauros de pés redondos, se alguma vez existiram. Já que estamos falando de animais, o que parece impossível é que ninguém em Lisboa se tenha lembrado de mandar trazer dois ou três cães. Um cão é um seguro de vida, um rastreador de rumos, uma bússola com quatro patas. (p. 88)

Saramago, José. (2008). *A viagem do elefante* (2.ª ed.). Lisboa: Caminho.

Os textos

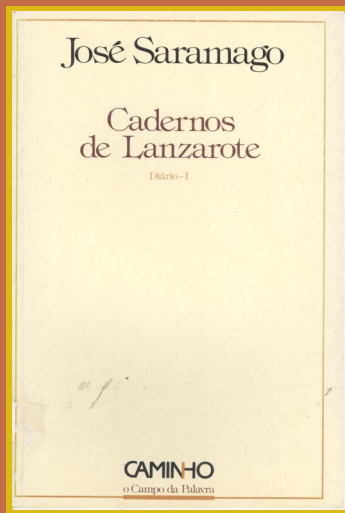


Cota: 821.134.3-31 SAR

Efectivamente, voltando às inquietantes razões do economista, os cálculos eram muito fáceis de fazer, senão vejamos, se temos um tanto de população activa que desconta para a segurança social, se temos um tanto de população não activa que se encontra na situação de reforma, seja por velhice, seja por invalidez, e portanto cobra da outra as suas pensões, estando a activa em constante diminuição em relação à inactiva e esta em crescimento contínuo absoluto, não se compreende que ninguém se tenha logo apercebido de que o desaparecimento da morte, parecendo o auge, o acme, a suprema felicidade, não era, afinal, uma boa cousa. Foi preciso que os filósofos e outros abstractos andassem já meio perdidos na floresta das suas próprias elucubrações sobre o quase e o zero, que é a primeira plebeia de dizer o ser e o nada, para que o senso comum se apresentasse prosaicamente, de papel e lápis em punho, a demonstrar por $a+b+c$ que havia questões muito mais urgentes em que pensar. (pp. 84-85)

Saramago, José. (2005). *As intermitências da morte*. Lisboa: Caminho.

Os textos

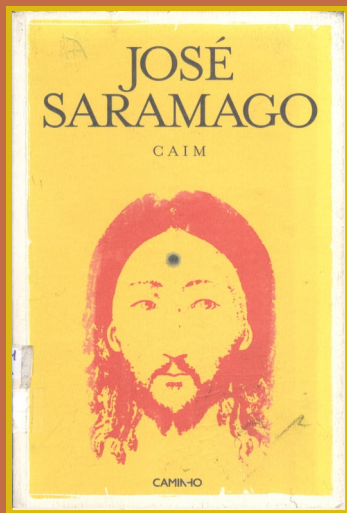


Cota: 821.134.3-94 SAR

Tocaram à porta da rua, pensei que fosse o carteiro e fui atender. Encontrei-me com quatro inesperados portugueses: o Sérgio Ribeiro e a Maria José, o Manuel Freire e a Iva. Poucas visitas me têm dado tanta satisfação, não só pela amizade que, por razões mais ou menos próximas, me une a todos eles, mas porque subitamente me aparecia ali um Portugal de que já quase estava esquecido: essa terra que nunca foi tão nossa como quando a vimos como o presente sofredor que era, mas com um futuro que haveria de ter pelo menos o tamanho da nossa esperança... Enquanto conversávamos, pensei no longo e persistente trabalho do Sérgio, paciente como um beneditino, essa incansável maneira que ele tem de regressar às questões que o preocupam, com a ideia obsessiva de que é preciso deixar tudo claro e de que se para isso tiverem faltado algumas palavras, essas não serão suas. E o Manuel Freire, uma espécie de irmão gêmeo do Assis Pacheco, tanto no físico como no jeito de quem terá decidido um dia não tomar-se demasiado a sério e recusar-se a dar contas disso aos intrometidos. (p.174)

Saramago, José. (1994). *Cadernos de lanzarote*. Lisboa: Caminho.

Os textos

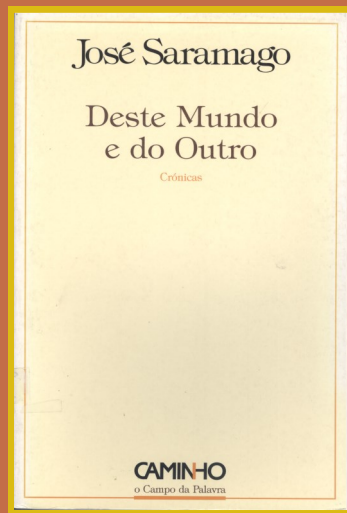


Cota: 821.134.3-31 SAR

Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, é assim que me agradeces ter-te poupado a vida quando mataste Abel, perguntou o senhor, Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face, Então a nova humanidade que eu tinha anunciado, Houve uma, não haverá outra e ninguém dará por falta dela, Caim és, e malvado, infame matador do teu próprio irmão, Não tão malvado e infame como tu, lembra-te das crianças de Sodoma, Houve um grande silêncio, Depois Caim disse, Agora já podes matar-me, Não posso, palavra de Deus não volta atrás, morrerás da tua natural morte na terra abandonada e as aves de rapina virão devorar-te a carne, Sim, depois de tu primeiro me haveres devorado o espírito. A resposta de Deus não chegou a ser ouvida, também a fala seguinte de Caim se perdeu, o mais natural é que tenham argumentado um contra o outro uma vez e muitas, a única coisa que se sabe de ciência certa é que continuaram a discutir e que a discutir estão ainda. A história acabou, não haverá nada mais que contar. (pp.180-181)

Saramago, José. (2009). *Caim* (6.ª ed.). Lisboa: Caminho.

Os textos



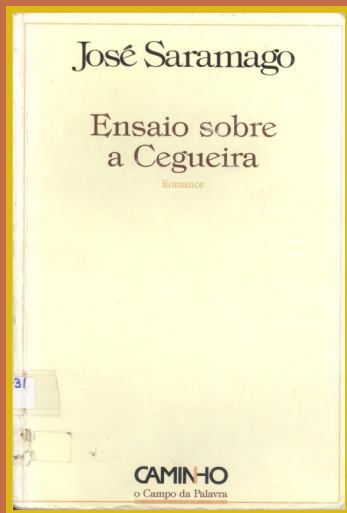
Cota: 821.134.3-94 SAR

Os textos

E não levamos caminho de cura. Há-de haver sempre quem nos proteja e defenda, quem tome conta de nós, quem nos pegue pela mão para atravessarmos a rua, mesmo que a luz vermelha trave a circulação dos automóveis. Há-de haver sempre quem nos aconselhe leituras, filmes e peças de teatro. Quem nos explique minuciosamente (ou sem explicação nenhuma) como devemos pensar e quando, e se é hora de falar ou de estar calado. E se é de falar, forçoso é também que nos ensinem a articular as palavras, que nos lubrifiquem os queixos emperrados, que nos animem e incitem, porque somos tímidos e não gostamos de ser objecto da atenção e da curiosidade activa dos outros.

Delegamos muito. Delegamos tudo. Com três batatas no prato, futebol aos domingos, e feriados que calhem em dia de semana (com ponte, se possível), temos o português feliz. Somos sóbrios, de gostos simples, brandos nos costumes e amigos do nosso amigo – que nunca sabemos quem seja. Temos a vocação da boa vida, de uma regalada vida que com pouco se contenta. Somos bons e confiantes. (pp.160-161)

Saramago, José. (2001). *Deste mundo e do outro* (7.ª ed.). Lisboa: Caminho.

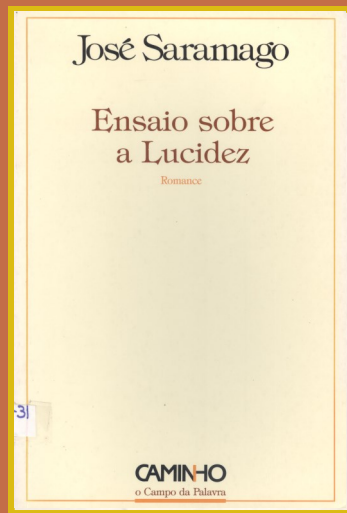


Cota: 821.134.3-31 SAR

O disco amarelo iluminou-se. Dois dos automóveis da frente aceleraram antes que o sinal vermelho aparecesse. Na passadeira de peões surgiu o desenho do homem verde. A gente que esperava começou a atravessar a rua pisando as faixas brancas pintadas na capa negra do asfalto, não há nada que menos se pareça com uma zebra, porém assim lhe chamam. Os Automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata. Os peões já acabaram de passar, mas o sinal de caminho livre para os carros vai tardar ainda alguns segundos, há quem sustente que esta demora, aparentemente tão insignificante, se a multiplicarmos pelos milhares de semáforos existentes na cidade e pelas mudanças sucessivas das três cores de cada um, é uma das causas mais consideráveis dos engorgitamentos da circulação automóvel, ou engarrafamentos, se quisermos usar o termo correto. (p.11)

Saramago, José. (1998). *Ensaio sobre a cegueira* (3.ª ed.). Lisboa: Caminho.

Os textos

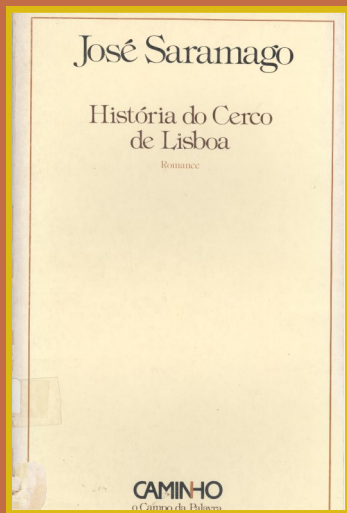


Cota: 821.134.3-31 SAR

Às dez da manhã deste dia em que estamos, dois polícias à paisana subiram ao quarto andar e tocaram à campainha. Veio abrir-lhes a mulher do médico, que perguntou, Quem são os senhores, que querem, Somos agentes da polícia e trazemos ordem de levar o seu marido para um interrogatório, não vale a pena que se canse a dizer-nos que saiu, a casa encontra-se vigiada, por isso não temos dúvidas de que ele esteja aqui, Não há qualquer razão para que tenham de interrogá-lo, a acusada de todos os crimes, pelo menos até agora, tenho sido eu, Esse assunto não é da nossa conta, as ordens que recebemos são estritas, levar o médico, não a mulher do médico, portanto, se não quiser que entremos à força, vá chamá-lo, e já agora prenda esse cão, não vá acontecer-lhe algum acidente. A mulher fechou a porta. Abriu-a outra vez pouco depois, o marido vinha com ela, Que desejam, Levá-lo para um interrogatório, Já o tínhamos dito à sua mulher, não vamos levar o resto do dia a repeti-lo, Trazem credenciais, um mandato, Mandato não é necessário, a cidade está sob estado de sítio, quanto às credenciais, aqui estão os nossos cartões, veja se lhe servem, Terei de mudar primeiro de roupa... (p. 327)

Saramago, José. (2004). *Ensaio sobre a lucidez*. Lisboa: Caminho.

Os textos



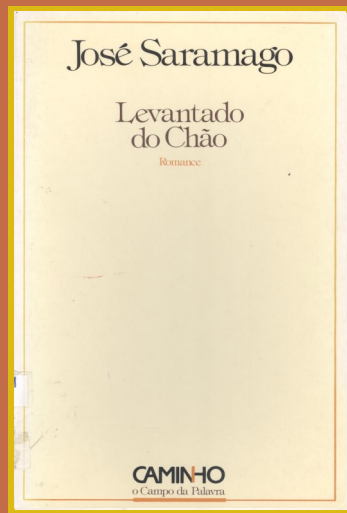
Cota: 821.134.3-31 SAR

Os textos

O rei está esperando. Remexe-se de impaciência no assento colocado em frente da tenda, está armado, apenas com a cabeça descoberta, e não diz palavra, olha e espera, nada mais. A manhã vai em meio, o sol está alto, o suor escorre em fio sob as lorigas. Percebe-se que o rei está irritado, mas não quer manifestá-lo. Por cima dele foi armado um toldo que a brisa faz estalar suavemente, a compasso com o estandarte real. Um silêncio que não é como o da noite, talvez ainda mais inquietante porque do dia o que se espera é movimento e ruído, um silêncio de presságio cobre a cidade, o rio, as colinas ao redor. É certo que as cigarras cantam, mas esse é um canto que vem do outro mundo, é o rangido da invisível serra que está serrando os alicerces deste. Sobre as muralhas, entre os melrões, os mouros olham também, e esperam.

Enfim há um movimento de batéis entre três galeras principais fundeadas à entrada do estreito, de cada uma delas desce gente que entra nas embarcações, e agora estão vindo para cá, ouve-se sobre a água lisa o bater dos remos, o chapinhar das pás, pouco falta para... (p.153)

Saramago, José. (1989). *História do cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho.

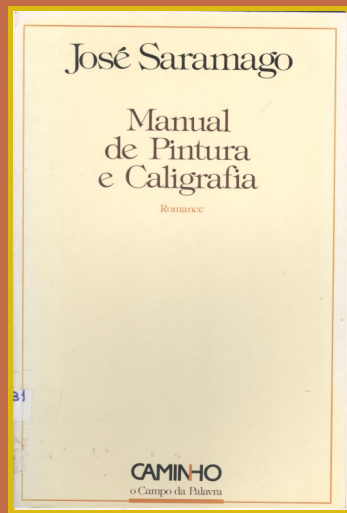


Cota: 821.134.3-31 SAR

Os textos

O mundo, com todo este seu peso, esta bola sem começo nem fim, coberta, de mares e de terras, toda esfaqueada de rios, ribeiras e regatos, a escorrer a aguazinha clara que vai e volta e é sempre a mesma, suspensa nas nuvens ou escondida nas nascentes por baixo das grandes lajes subterrâneas, o mundo que parece uma brutidão aos tombos no céu, ou silencioso pião como um dia o hão-de ver os astronautas e já podemos ir antecipando, o mundo é, visto do Monte Lavre, uma coisa delicada, um relógiozito que só pode aguentar um tanto de corda e nem uma mais volta mais, e se põe a tremer, a palpitar, se um dedo grosso se aproxima da roda balanceira, se vai roçar, mesmo de leve, a mola de cabelo, ansiosa como um coração. Um relógio é sólido dentro de uma caixa polida, inoxidável, à prova de choques até ao limite do que lhe for suportável, à prova de água para quem tiver o finíssimo gosto de tomar banho com ele, garantido por uns tantos anos, que poderiam ser muitos se não viessem as modas de rir-se do que comprámos ontem, são maneiras de manter a fábrica do seu fluxo de mecanismos e o seu fluxo de dividendos. (p.137)

Saramago, José. (1998). *Levantado do chão* (13.ª ed.). Lisboa: Caminho.

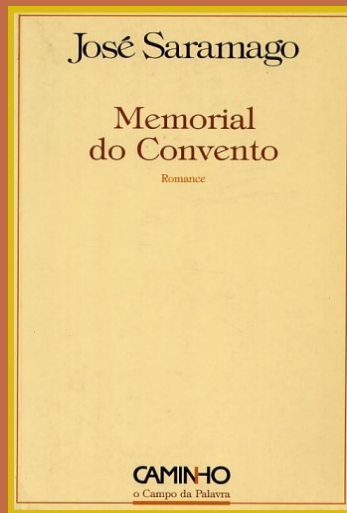


Cota: 821.134.3-31 SAR

Os textos

Estaria António, o arquitecto, embriagado? Não direi que estivesse. Este nosso modo de beber, raramente chega a tanto. Mas se é certo que o vinho fala verdade, acontece neste tipo de reuniões deixar-se o limiar da verdade transpor por quem dela fala mais próximo. Isso teria sido. Apesar das janelas abertas, o calor dentro do atelier era insuportável. Tínhamos falado de mil coisas avulsas, desencontradas, absurdas, e agora, já noite dentro, repousávamos um pouco da febre discursante. Adelina, sentada no chão, pousava a cabeça nas minhas coxas (é costume dizer-se que nos joelhos, provavelmente por respeito da decência, mas é sempre nas coxas que nestas ocasiões a cabeça está pousada, porque os joelhos sempre são duros, olha lá os meus), e eu, por simpatia e gosto tátil, corria devagar os dedos nos cabelos dela, enquanto bebia o meu Gino Tónico, como me dá para chamar-lhe quando estou de maré. A Sandra decoradora, que não tem esse nome, mas enfim, reatava com o médico o seu flirt, não para mais do que o simples aquilo, quanto basta para... (p.118)

Saramago, José. (1998). *Manual de pintura e caligrafia* (5.ª ed.). Lisboa: Caminho.

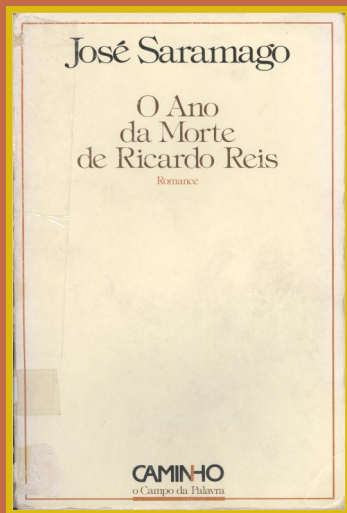


Cota: 821.134.3-31 SAR

Nunca perguntamos se haverá juízo na loucura, mas vamos dizendo que de loucos todos temos um pouco. São maneiras de nos segurarmos do lado de cá, imagine-se, darem os doidos como pretexto para exigir igualdades no mundo dos sensatos, só loucos um pouco, o mínimo juízo que conservem, por exemplo, salvaguardem a própria vida, como está fazendo o padre Bartolomeu Lourenço, Se abrimos de repente a vela, cairemos na terra como uma pedra, e é ele quem vai manobrar a corda, dar-lhe a folga precisa para que se estenda a vela sem esforço, tudo depende agora do jeito, e a vela abre devagar, faz descer a sombra sobre as bolas de âmbar e a máquina diminui de velocidade, quem diria que tão facilmente se poderia ser piloto nos ares, já podemos ir à procura das novas Índias; A máquina deixou de subir, está parada no céu, de asas abertas, o bico virado para o norte, se se está movendo, não parece. O padre abre mais a vela, Três quartas das bolas de âmbar estão já à sombra, e a máquina desce suavemente, é como estar dentro de um bote num lago tranquilo, um jeito no leme, um harpejo de remo, as coisas que o homem é capaz de inventar. (p.199)

Saramago, José. (1992). *Memorial do Convento* (21.ª ed.). Lisboa: Caminho.

Os textos

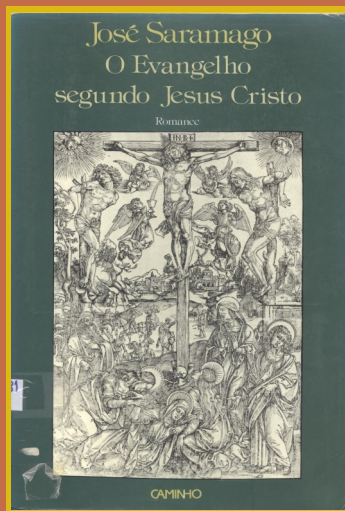


Cota: 821.134.3-31 SAR

Os textos

Aqui o mar acaba e a terra principia. Chove sobre a cidade pálida, as águas do rio correm turbas de barro, há cheias nas lezírias. Um barco escuro sobe o fluxo soturno, é o Highland Brigade que vem atracar ao cais de Alcântara. O vapor é inglês, da Mala Real, usam-no para atravessar o Atlântico, entre Londres e Buenos Aires, como uma lançadeira nos caminhos da mar, para lá, para cá, escalando sempre os mesmos portos, La Plata, Montevideo, Santos, Rio de Janeiro, Pernambuco, Las Palmas, por esta ou inversa ordem, e, se não naufragar na viagem, ainda tocará em Vigo e Boulogne-sur-Mer, enfim entrará o Tamisa como agora vai entrando o Tejo, qual dos rios o maior, qual a aldeia. Não é grande embarcação, desloca catorze mil toneladas, mas aguenta bem o mar, como outra que se provou nesta travessia, em que, apesar do mau tempo constante, só os aprendizes de viajante oceânico enjoaram, ou os que, mais veteranos, padecem de incurável delicadeza do estômago, e, por ser caseiro e confortável nos arranjos interiores, foi-lhe dado, carinhosamente, como ao Highland Monarch, seu irmão gémeo, o íntimo apelido de vapor de família. (p.11)

Saramago, José. (1988). *O ano da morte de Ricardo Reis* (9.ª ed.). Lisboa: Caminho.

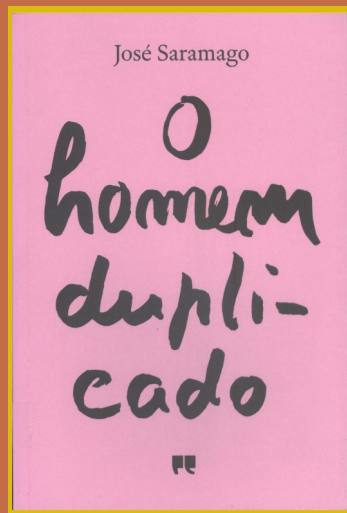


Cota: 821.134.3-31 SAR

O sol mostra-se num dos cantos superiores do rectângulo, o que se encontra à esquerda de quem olha, representando, o astro-rei, uma cabeça de homem donde jorram raios de aguda luz e sinuosas labaredas, tal uma rosa-de-ventos indecisa sobre a direcção dos lugares para onde quer apontar, e essa cabeça tem um rosto que chora, crispado de uma dor que não remite, lançado pela boca aberta um grito que não poderemos ouvir, pois nenhuma destas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada. Por baixo do sol vemos um homem nu atado a um tronco de árvore, cingidos os rins por um pano que lhe cobre as partes a que chamamos pudendas ou vergonhosas, e os pés tem-nos assentes no que resta de um ramo lateral cortado, porém, por maior firmeza, para que não resvalém desse suporte natural, dois pregos os mantêm, cravados fundo. Pela expressão da cara, que é de inspirado sofrimento, e pela direcção do olhar, erguido para o alto, deve de ser o Bom Ladrão. O cabelo todo aos caracóis, é outro indício que não engana, sabendo-se que anjos e arcanjos assim o usam, e o criminoso arrependido, pelas mostras, já está no caminho de ascender ao mundo das celestiais criaturas. (p.13)

Saramago, José. (1992). *O evangelho segundo Jesus Cristo* (5.ª ed.). Lisboa: Caminho.

Os textos

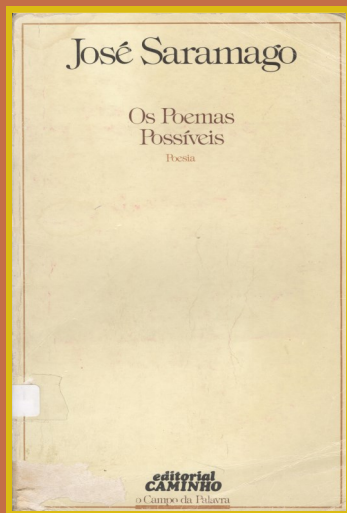


Cota: 821.134.3-31 SAR

Não é bem assim. Houve um tempo em que as palavras eram tão poucas que nem sequer as tínhamos para expressar algo tão simples como Esta boca é minha, ou Essa boca é tua, e muito menos para perguntar por é que temos as bocas juntas. Às pessoas de agora não lhes passa pela cabeça o trabalho que deram a criar estes vocábulos, em primeiro lugar, e quem sabe se não terá sido, de tudo, o mais difícil, foi preciso perceber que havia necessidade deles, depois houve que chegar a um consenso sobre o significado dos seus efeitos imediatos, e finalmente, tarefa que nunca viria a concluir-se por completo, imaginar as consequências que poderiam advir, a médio e a longo prazo, dos ditos efeitos e dos ditos vocábulos. Comparado com isto, e ao invés do que tão perentoriamente o senso comum afirmou ontem à noite, a invenção da roda foi um mero bambúrrio, como o viria a ser o descobrimento da lei da gravitação universal só porque uma maçã se lembrou de ir cair em cima da cabeça de Newton. (p. 65)

Saramago, José. (2014). *O homem duplicado*. Porto: Porto Editora.

Os textos



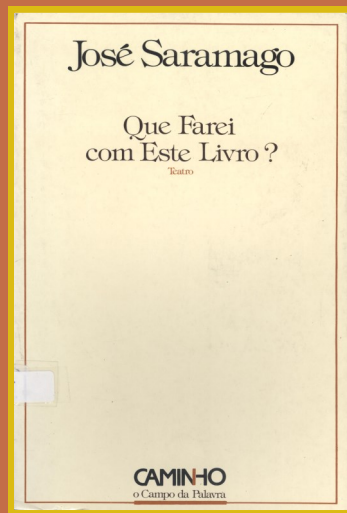
Cota: 821.134.3-1 SAR

Há um terror de mãos na madrugada, / Um rangido de porta, uma suspeita, / Um grito perfurante como espada, / Um olho exorbitado que me espreita. / Há um fragor de fim e derrocada / Um doente que rasga uma receita, / Uma criança que chora sufocada, / Um juramento que ninguém aceita, / Uma esquina que salta de emboscada, / Um riso negro, um braço que rejeita, / Um resto de comida mastigada, / Uma mulher espancada que se deita. /

Nove círculos de inferno teve o sonho, / Doze provas mortais para vencer, / Mas nasce o dia, e o dia recomponho: / Tinha de ser, amor, tinha de ser. (p.128)

Os textos

Saramago, José. (1985). *Os poemas possíveis* (3.ª ed.). Lisboa: Caminho.



Cota: 821.134.3-2 SAR

Os textos

Luís de Camões: Não é isso que quero. Por este amor...

Francisca de Aragão: Vós não amais ninguém.

Luís de Camões: Enganai-vos. Amo as imagens do amor. Não as amasse, e não me serviria de mim ser um homem de carne e de sentidos.

Francisca de Aragão: Deus, que nos vê, sabe que não quero deixar-vos.

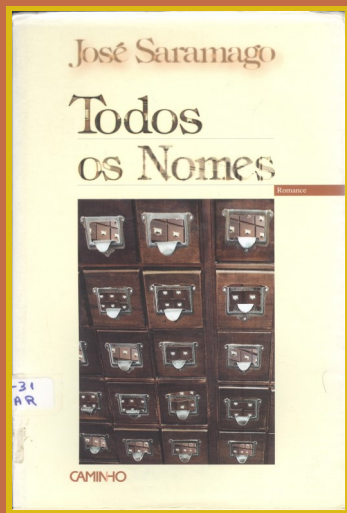
Luís de Camões: Assim o creio. Mas Deus saberá se podeis amar amanhã o velho que estou prestes a ser. Olhai bem para mim. Se eu vergar os ombros, se deixar pender a cabeça, se dobrar os joelhos, que será do vosso sentimento? É como eu serei, é como já estou sendo, mas que faço por esconder, sobretudo se estou diante de vós. E como poderei amar-vos então?

Francisca de Aragão: Isso é orgulho, Luís Vaz, e muito grande. Hoje não há remédio para vós. Que direis amanhã quando me virdes?

Luís de Camões: Senhora.

Francisca de Aragão: O meu nome é Francisca (p.156)

Saramago, José. (1999). *Que farei com este livro* (4.^a ed.). Lisboa: Caminho.



Cota: 821.134.3-2 SAR

Os textos

Felizmente a gente famosa não é assim tanta. Ainda que empregando critérios de selecção e de representatividade tão eléctricos e generosos como já se viu que não os do Sr. José, não é fácil, mormente quando se trata de um pequeno país, chegar à centena redonda de personagens realmente célebres sem ter caído no conhecido laxismo das antologias dos cem melhores sonetos de amor ou das cem mais pungentes elegias, perante os quais nos assiste pleno direito de suspeitar que os últimos a serem escolhidos só lá entraram para perfazer a conta. Considerada na sua globalidade, a colecção do Sr. José excedia em muito a centena, mas, para ele, como para o autor das antologias de elegias e sonetos havia sido também, o número o número era uma fronteira, um limite, um nec plus ultra, ou, falando em termos vulgares, como uma garrafa de litro que, por muito que se intente, nunca poderá comportar mais do que um litro de liquido. (p. 29)

Saramago, José. (1998). *Todos os nomes* (2.ª ed.). Lisboa: Caminho.



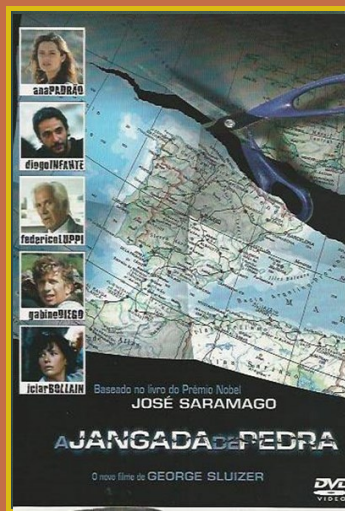
Cota: 791.221.5 MEI

FILME

Uma cidade é devastada por uma epidemia instantânea de "cegueira branca". Face a este surto misterioso, os primeiros indivíduos a serem infectados são colocados pelas autoridades governamentais em quarentena, num hospital abandonado. Cada dia que passa aparecem mais pacientes, e esta recém-criada "sociedade de cegos" entra em colapso. Tudo piora quando um grupo de criminosos, mais poderoso fisicamente, se sobrepõe aos fracos, racionando-lhes a comida e cometendo actos horríveis. Há, porém, uma testemunha ocular a este pesadelo: uma mulher, cuja visão não foi afectada por esta praga, que acompanha o seu marido cego para o asilo. Ali, mantendo o seu segredo, ela guia sete desconhecidos que se tornam, na sua essência, numa família. Ela leva-os para fora da quarentena em direcção às ruas deprimentes da cidade, que viram todos os vestígios de uma civilização entrar em colapso. A viagem destes é plena de perigos, mas a mulher guia-os numa luta contra os piores desejos e fraquezas da raça humana, abrindo-lhes a porta para um novo mundo de esperança, onde a sua sobrevivência e redenção final reflectem a tenacidade do espírito humano. (Sinopse)

Meirelles, Fernando. (2009). *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Castelo Lopes Multimédia.

Os textos



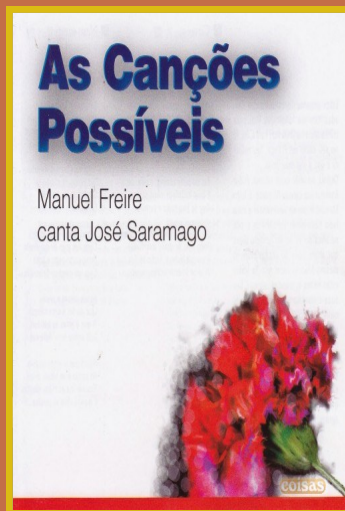
Cota: 791.221.4 SLU

FILME

Os textos

Em sequência de um cataclismo que nenhum sismógrafo registou, crava-se uma fenda ao longo da fronteira entre a Espanha e a França: lenta mas infalivelmente, a Península Ibérica parte à deriva sobre o Atlântico. Uma imensa jangada de pedra. O impacto sobre o cenário geo-político é fundamental e o poder Norte-Americano vai fazer tudo para se apropriar destas novas terras e as suas populações perdidas pela Europa. Somente o Gibraltar, inabalável, permanece agarrado ao seu rochedo/penedo. Mas o que desvia estas populações flutuantes? Espanhóis e Portugueses, arrancados às suas rotinas diárias, abandonam os seus lares para escapar ao perigo que ameaça as costas e partem errantes à aventura sobre as estradas do interior. E assim que a jangada de pedra roda sobre o seu eixo, no mesmo momento em que o sol se levanta, neste momento a Oeste, todas estas pobres gentes não sabem muito bem onde é que estão... (Sinopse)

Sluizer, George. (2003). *A jangada de pedra*. Lisboa: Lusomundo.



Cota: 8 FRE
MÚSICA

Os textos

Venham leis e homens de balanças
Mandamentos daquém e dalém mundo
Venham ordens decretos e vinganças
Desça em nós o juiz até ao fundo
Nos cruzamentos todos da cidade
A luz vermelha brilhe inquisidora
Risquem no chão os dentes de vaidade
E mandem que os lavemos a vassoura
A quantas mãos existam peçam dedos
Para sujar nas fichas dos arquivos
Não respeitem mistérios nem segredos
Que é natural nos homens serem esquivos
Ponham livros do ponto em toda a parte
Relógios a marcar a hora exacta
Não aceitem nem queiram outra arte
Que a prosa de registo o verso-acta
Mas quando nos julgarem bem seguros
Cercados de bastões e fortalezas
Hão-de ruir em estrondo os altos muros
E chegará o dia das surpresas.

Freire, Manuel. (2005). Ouvindo Beethoven in *As canções possíveis*. Lisboa: Ovação.

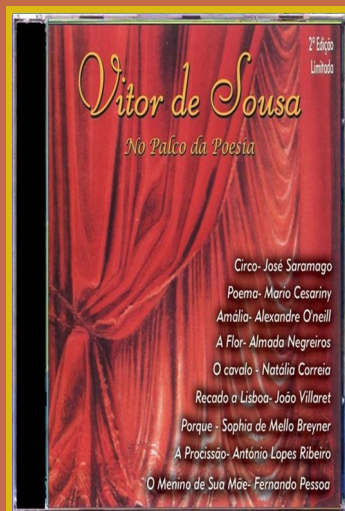


Cota: 8 FRE
MÚSICA

Aqui, na terra, a fome continua,
A miséria, o luto, e outra vez a fome.
Acendemos cigarros em fogos de napalm
E dizemos amor sem saber o que seja.
Mas fizemos de ti a prova da riqueza
Ou talvez da pobreza, e da fome outra vez,
E pusemos em ti nem eu sei que desejo
De mais alto que nós, e melhor, e mais puro.
No jornal soletramos, de olhos tensos,
Maravilhas de espaço e de vertigem:
Salgados oceanos que circulam
Ilhas mortas de sede, onde não chove.
Mas o mundo, astronauta, é boa mesa
(E as bombas de napalm são brinquedos),
Onde come, brincando, só a fome,
Só a fome, astronauta, só a fome.

Freire, Manuel. (1993). Fala o velho do restelo in *Pedra filosofal*. Lisboa: Strauss.

Os textos

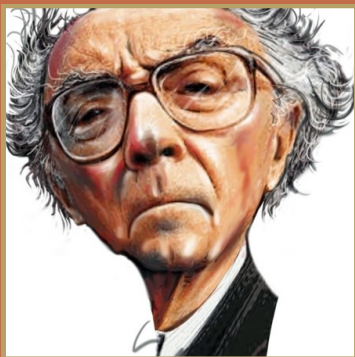


Cota: 610 SOU
MÚSICA

Poeta não é gente, é bicho raro
Que de jaula ou gaiola se escapou
E anda pelo mundo às cabriolas,
Aprendidas no circo que inventou.
Estende no chão a capa que o disfarça,
Faz do peito tambor, e rufa, salta,
É urso bailarino, mono sábio,
Ave de bico torto e pernalta.
Ao fim da toca a charanga do poema,
Todo feito de notas arranhadas.
E porque bicho é, bicho ali fica,
A uivar às estrelas desprezada.

Sousa, Vitor de . (1996). *Circo in No palco da poesia*. Lisboa: Ovação.

Os textos



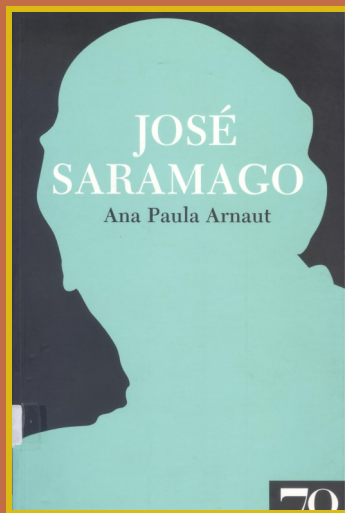
Clique nos recursos para aceder aos links

[Fundação José Saramago](#)

[Portal da Literatura](#)

[RTP Ensina](#)

Sobre os textos

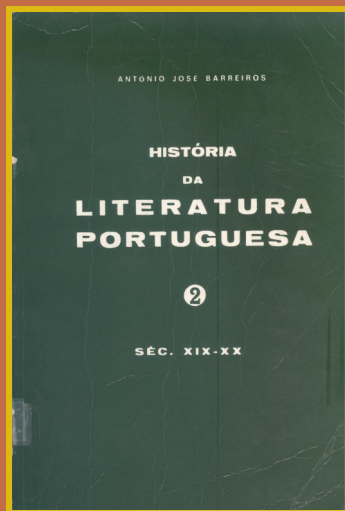


Cota: 80 ARN

Mas, acima de tudo, era uma vez um homem-escritor a quem se deve reconhecer o mérito de ter contribuído para a instauração e consolidação de novos rumos na literatura portuguesa: os dos Post-Modernismo. Curiosamente, ou, se calhar, não tão curiosamente quanto isso, a carreira literária de José Saramago inicia-se em 1947 com a publicação de um romance (*Terra do Pecado*) que em bom rigor, em nada permitia prever a ousadia – temática e formal – que, trinta anos depois, começaria a caracterizar o seu universo ficcional. Com efeito, a linearidade temporal da história apresentada, o uso de uma sintaxe e de uma pontuação canónicas (onde incluímos o uso do travessão para indicar a mudança de interlocutores nos diálogos apresentados), a construção das personagens à boa maneira do Realismo-Naturalismo – ou, para o efeito, a clara inspiração em enredos e em personagens queirosianas na urdidura do seu romance ou na concepção de personagens como Leonor e Beneditos (quase réplicas de Luísa e Juliana de *O Primo Basílio*, de 1878) –, claramente apontam para a influência tutelar do romance de oitocentos. (pp. 15-16)

Arnaut, Ana Paula. (2007). *José Saramago*. Lisboa: Edições 70.

Sobre os textos



Cota: 80(09) BAR

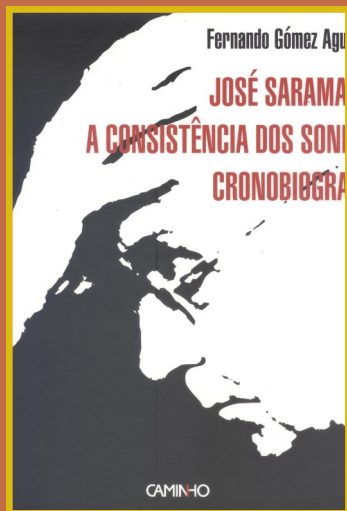
Memorial do Convento é uma recriação romanesca do ambiente histórico que se viveu à volta da construção do Convento de Mafra, desde o voto feito desde D. João V para que o Céu lhe desse um herdeiro até à inauguração do majestoso imóvel. Toda a acção se desenrola numa dicotomia um pouco neorrealista: dum lado, os opressores (Corte e Clero, com seus representantes) e do outro, os oprimidos (povo e trabalhadores). Sobressai no evoluir desta acção um trio de tipos um tanto visionários – o par amoroso Baltasar e Blimunda e uma encarnação do P. Bartolomeu Lourenço (de Gusmão), o inventor da máquina voadora. A visão da época que o romance nos proporciona é basicamente materialista e maniqueísta, situando todo o mal nos rotulados opressores, cujos actos e sentimentos, inclusive os religiosos, indiscriminadamente condena, e situando todo bem nos oprimidos.

O Ano da Morte de Ricardo Reis, como o título sugere, tem por motivo central o regresso a Lisboa do referido heterónimo de Fernando Pessoa em 1936 e a observação crítica de determinados acontecimentos que nessa altura se deram na Capital Portuguesa. (pp. 550-551)

Barreiros, António José. (1996). *História da literatura portuguesa* (14.^a ed., 2.^o vol.). Braga: Bezerra

Editora.

Sobre os textos



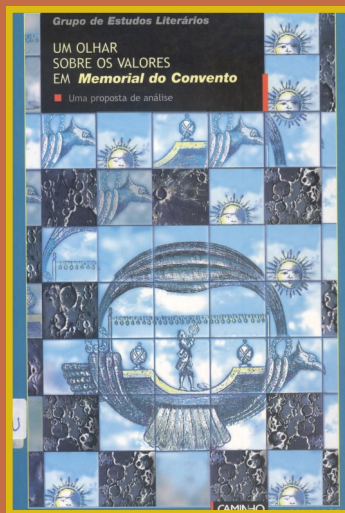
Cota: 80(092) GOM

Nada na origem de José Saramago deixava prever Saramago: mas tudo estava ali contido, na célula da semente, um germe a que o escritor, o cidadão e o homem regressaram permanentemente para viver dias não explorados, reconhecidos no signo e na aventura do provir. Ali havia uma energia moral originária, uma espécie de raiz centenária de cuja força vital eclodiram gemas de lealdade e de dissidência. E de trabalho, de incansável insistência no ofício de ser e de escrever, de cumprir, rigorosamente, com as exigências da responsabilidade própria. O curso paradoxal da vida de Saramago é governado por um secreto fio de fidelidade às convicções, à natureza de quem se é, sendo também os que nos foram e, parte daqueles para quem se será. Tenacidade, coerência, trabalho, confiança no invisível... suportam o peso da sua vigorosa figura literária, intelectual e ética. Mas suporta-o também, e muito consistentemente, o brilho denso e expansivo do génio: o resplendor de uma chama externa e ofuscante, que toma a forma de fábula e da expressão inaugural. (pp. 7-8)

Gómez Aguilera, Fernando. (2008). *José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia*.

Lisboa: Caminho.

Sobre os textos



Cota: 80 GRU

Os encontros amorosos de Baltasar e Blimunda têm lugar numa multiplicidade de espaços (quarto, riacho, Passarola, manjedoura, casa), o que pressupõe uma vivência activa e verdadeira do amor e da sexualidade, espécie de amor genesíaco bíblico, como o narrador nos faz sentir ao longo do texto. Pelo contrário, os contactos entre o Rei e a Rainha dão-se invariavelmente no quarto real, rodeados de uma série de rituais extremamente formais, o que aponta para uma vivência frustrada do amor e da sexualidade, só em função da procriação.

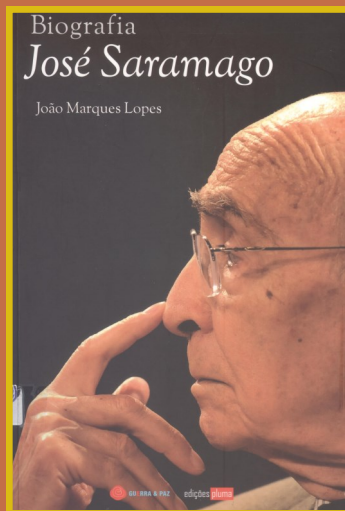
Podemos caracterizar o par Rei/Rainha como um casal cumpridor, ortodoxo (são casados pela igreja), baseando-se a sua relação na obrigação de dar um herdeiro à coroa. Deste modo, a sexualidade é apenas encarada como uma actividade utilitária, com fins procriativos, como uma obrigação régia, o que resulta numa frustração pessoal.

Pelo contrário, Baltasar e Blimunda, casal transgressor do código estabelecido (não estão unidos pelos laços sacramentais), vivem um amor simultaneamente espiritual e carnal do qual o narrador nos dá uma imagem... (pp. 63-64)

Grupo de Estudos Literários. (2000). *Um olhar sobre os valores em Memorial do Convento*. Lisboa:

Caminho.

Sobre os textos



Cota: 80(092) LOP

Com mais de dez edições e 50000 exemplares vendidos em apenas dois anos, foi *Memorial do Convento* que consagrou definitivamente o nome de Saramago no panorama literário português e na própria cultura internacional. Para fazer uma ideia mais precisa do seu impacto na projecção pública do autor entre nós, talvez seja suficiente dizer que nem sequer o êxito alcançado antes por *Levantado do Chão* impediu que o *Memorial do Convento* começasse com uma tiragem de apenas 5000 exemplares, mas que depois dele *O ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) vendeu logo cerca de 20000 exemplares em apenas um mês e *Jangada de Pedra* teve uma primeira edição de 40000 exemplares, algo inédito para o mercado livreiro português. Entre o circuito mais restrito dos «pares», mereceu logo vários prémios, nomeadamente os do Pen Club e do Município de Lisboa, e causou uma certa perplexidade o facto de o Prémio APE – então o mais importante concedido em Portugal – não coroar a recepção entusiástica da obra. (p. 72)

Lopes, João Marques. (2010). *José Saramago: biografia*. Lisboa: Guerra e Paz editores.

Sobre os textos

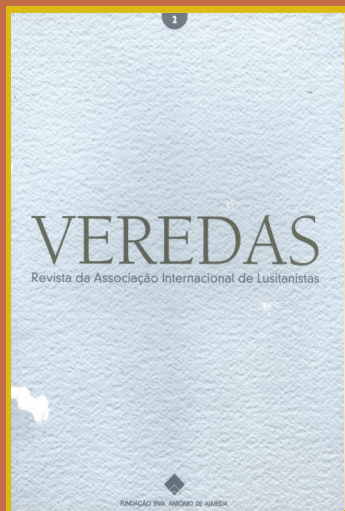


Cota: 80 LUC

A intemporalidade deste narrador que participa na história como testemunha privilegiada, impede-nos de integrar o livro *Memorial do Convento* na categoria de romance histórico. É que enquanto o romance histórico restaura o passado para trazer ao presente da escrita, como acontece, por exemplo, em *Eurico, O Presbítero*, de Alexandre Herculano, o romance de José Saramago reconstitui um passado que não é estanque, que abre brechas que permitem a comparação com o presente. É esta a posição defendida pela professora Maria Alzira Seixo, que escreve “A obra de José Saramago tem procurado, e de um modo particular mente sensível a partir de *Memorial do Convento*, textualizar a memória que confronte o ser com o tempo; daí que os seus livros tenham sido lidos, em muitos casos, como romances históricos – o que, obviamente, e de uma perspectiva rigorosa de teoria literária, não são. O que acontece é que José Saramago convoca o passado, aliás fielmente reconstruído (mas com intromissões de tipo fantástico que o alteram, note-se), para o filtrar de modo consciente por uma ótica do presente – o que é inteiramente diverso do que acontece com o romance histórico, onde o presente se abandona como tal para mergulhar completamente... (pp. 19-20)

Lucas, Ana Maria & Correia, Fátima Vieira. (2008). *Análise da obra: Memorial do Convento* (2.ª ed.). Mem Martins: Sebenta Editora.

Sobre os textos



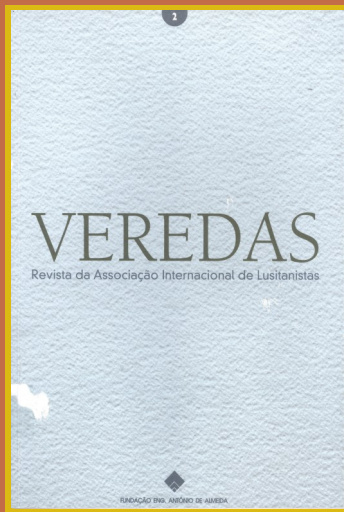
Cota: 80 MAC

Parece, entretanto, que o narrador de *O Ano da Morte* procura estabelecer não uma transitividade direta entre o homem e a obra, mas, invertendo os termos, uma relação direta entre a obra e o homem; isto é, através da leitura que se faz da obra desse heterônimo, ele constrói um perfil que se adapta a uma máscara possível para o “homem” Ricardo Reis, sem tomá-la incompatível, de certo modo, com a já criada por Fernando Pessoa.

Neste processo de recriação, Saramago precisa de elementos que atestem ao leitor a verossimilhança do protagonista de seu romance. Ou seja, precisa que identifiquemos naquele que desembarca no Cais de Alcântara, no dia 29 de dezembro de 1935, o heterônimo que, segundo Fernando Pessoa, “vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico”. Portanto, em primeiro lugar, Saramago se vê diante de um problema, sem dúvida não muito difícil de resolver, que é o de trazer de volta para Lisboa Ricardo Reis que, segundo a carta de Pessoa a Casais Monteiro, vivia no Brasil. Para isto, consegue habilmente aliar dois factos históricos ocorridos em novembro de 1935: a eclosão de uma revolução no Rio de Janeiro e o falecimento do poeta. (p. 203)

Macedo, Helder (1999). *Veredas: revista da Associação Internacional de Lusitanistas* (2.º vol.). Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

Sobre os textos



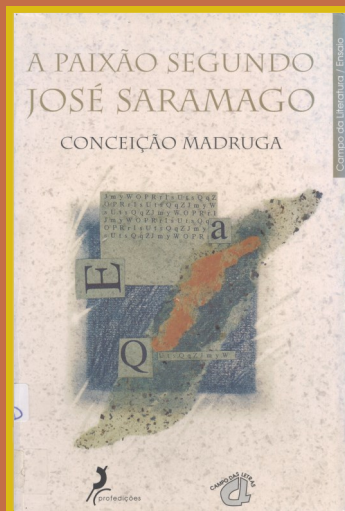
Cota: 80 MAC

Saramago, em seu romance, toma seu o sonho de Bartolomeu de Gusmão, e valendo-se precisamente da alquimia leva a sua “passarola” a voar, justamente para se distanciar desse mundo opressivo, aparentemente sem saída. E o faz com a força alquímica ridicularizada na Descrição burlesca..., enfatizando que o aparelho alcança vôo por conseguir sintetizar ao âmbar (ao contrário do que afirma o autor anônimo dessa Descrição...) as vontades individuais. Isto é, simbolicamente o aeróstato se eleva pela vontade coletiva, capaz de materializar o sonho num objeto. Trata-se, mais uma vez, da manifestação de um sonho capaz de mobilizar a ação coletiva num projeto (simbolicamente, o artefacto)).

Como no mito de Ícaro, ao elevar-se, o artefacto (produto da imaginação e da técnica) permite fugir e compreender os traçados de um mundo labiríntico. É uma forma de se conseguir a liberdade. Ao contrário do mito grego, onde Ícaro não poderia aproximar-se do Sol que derreteria a cera das asas, em *Memorial do Convento* a “passarola” dele dependia. Tal como o sol se levanta e se põe, a reunião das vontades é diurna e segue seus movimentos de ascensão e de queda. (p. 301)

Macedo, Helder (1999). *Veredas: revista da Associação Internacional de Lusitanistas* (2.º vol.). Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

Sobre os textos



Cota: 80 MAD

“Pensar” em José Saramago é também pensar o corpo. Um corpo que ama e aprende. Por isso, chamámos à segunda parte o Verbo da Paixão.

Com efeito, os seus livros, vistos no seu todo, podem ser entendidos como um autêntico resgate da mulher, e de todos os contratos emocionais que tiverem o homem por agente.

Os seus livros tem importância pelo modo como o autor relaciona a subjectividade feminina, por um entendimento da mulher que no essencial contraria a ideia estereotipada da mulher fraca, desprovida de vontade num mundo dominado por machos manipuladores e egoístas, frágil de corpo e espírito, vítima do jogo masculino, explorada por homens dominadores.

Saramago não institui, porém, a mulher contra o homem, consagrando uma sociedade asséptica ou pós-traumática, de onde foram erradicados os vírus masculinos da dominação, do jogo e do egoísmo. Pelo contrário, o que ele cria são quadros de casais, onde homem e mulher buscam o bem humano que os tempos actuais parecem incapaz de promover. Mostra todavia que as mulheres são exímias no exercício do jogo amoroso, na intuição do conhecimento e no dizer desse conhecimento. (p. 141)

Madrugá, Conceição (1998). *A paixão segundo José Saramago*. Porto: Campo das Letras.

Sobre os textos



Cota: 80 REA

Bem, estamos convencidos que os símbolos-força que enquadram e animam o *Memorial do Convento* foram inconscientemente extraídos por José Saramago de um latente e sempre presente fundo de cultura popular, sem que o autor tenha tido uma reflexão prévia e uma decisão selectiva sobre a sua integração (dos símbolos) na estrutura do romance. José Saramago, à imitação da raiz do seu estilo, deixou falar o seu inconsciente, se assim podemos dizer, e, deixando-o soltar-se pela escrita, os símbolos civilizacionais nele presentes emergiram tocando directamente o inconsciente do leitor, animados ambos por um fundo civilizacional comum. Aliás, segundo José Saramago, a escolha do nome Blimunda deveu-se a uma certa comunhão inconsciente, espontânea, entre o desejo do autor de encontrar «um nome estranho e raro» (reflexão posterior de José Saramago em *Jornal de Letras*, n.º 410, 15-5-1990) e o próprio nome de Blimunda inscrito num vocabulário onomástico. (p. 62)

Real, Miguel (1996). *Narração, maravilhoso, trágico e sagrado de José Saramago*. Lisboa:

Caminho.

Sobre os textos



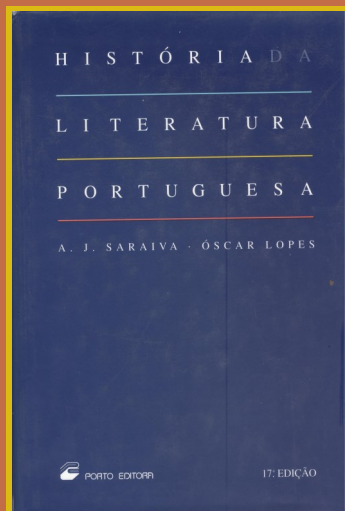
Cota: 80 REI

Igreja, palácio e convento reúnem-se num mesmo edifício; o significado desta junção encontra-se no modo como se faz a distribuição. Na fachada principal, virada à vila e ao mar, o centro é ocupado pela igreja; ladeiam-na as fachadas palacianas que terminam em dois torreões, forma civilista de um modelo de raiz militar. Na fachada do templo, no seu primeiro andar, abre-se uma janela destinada ao rei, semelhante na sua função à janela das Bênçãos em S. Pedro; aos pés do monarca um largo espaço de reunião popular e, no corpo do edifício, a própria galilé com as imagens dos santos; a seu lado, S. Francisco e S. Domingos amparam o nicho vivo que é a janela quando o rei a habita, sobre a sua cabeça apenas o frontão com a Virgem e Santo António e a linha axial que se projecta do seu vértice remete para o espaço de Deus.

Não há em Portugal, em termos plásticos, melhor definição teórica do poder absoluto nem do lugar relativo que a cada um cabe ocupar. Só após esta fachada, nas laterais e na anterior, surge o convento, retirando-se os seus ocupantes do espectáculo mundano do Poder. (p. 10)

Reis, Fernando Egídio, Santos, M. M. & Gonçalves, M. N. (2000). *Memorial do Convento de José Saramago: análise da obra*. Lisboa: Texto Editora.

Sobre os textos

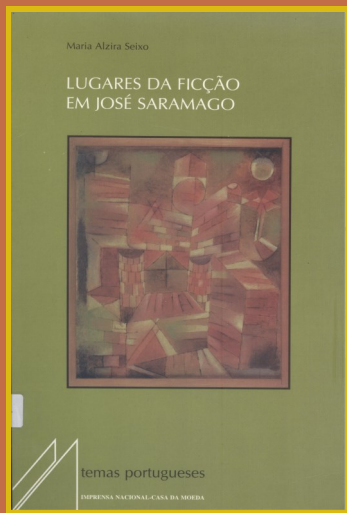


Cota: 80(09) SAR

Um caso particularmente notável de grande consagração já posterior ao 25 de Abril é o José Saramago (n. 1922), que iniciara a sua carreira literária como poeta reactualizador de uma linha clássica, bem sensível no predomínio do decassílabo e numa meditação ou sabedoria contida e lúcida, colhida no amor na experiência dos limites humanos e na resistência (Os Poemas Possíveis, 1966, 3.^a edição revista 1984; Provavelmente Alegria, 1970 reedição 1985). O volume de Contos, Objecto Quase, 1977, 3.^a edição 1986, aponta para uma transfiguradora percepção do real como pesadelo de coisificação humana, num estilo por vezes ironicamente classicizante. Manual de Pintura e Caligrafia, romance de 1977, 4.^a edição 1985, concebido como autobiografia, meditação estética e testemunho de um pintor, passou despercebido, mas Levantado do Chão, 1980, 9.^a edição 1993, ergue em quatro gerações de uma família popular e epopeia social do Alentejo, entre a reconstituição histórica, a imaginação pitoresca, dramática ou alegórica, e com adequadas e surpreendentes mutações de estilo narrativo e verbal. (p. 1099)

Saraiva, A. J. (2001). *História da literatura portuguesa* (17.^a ed.). Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



Cota: 80 SEI

Memorial do Convento é a objectivação verbal orgânica de todos estes vectores éticos e estéticos, e nele teremos de salientar como pistas de estudo mais importantes: a construção narrativa, dupla e alegórica; os ambiente sociais particularizados; a admirável capacidade descritiva; a evocação fiel e impressiva de Portugal setecentista; o conhecimento dos meios cortesão, eclesiástico e popular; a emergência de um narrador que hesita entre as capacidades totais de demiurgo e a cumplicidade reduzida com o leitor; a intencionalidade poética; a tendência moralizante e justiceira, conjugada com a frequência do aforismo popular; do poder e do desejo. [...]

De viagem mais uma vez se trata em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), de um ritmo discursivo contínuo que apaga as diferenças dos vários modelos do dizer, também; e é mais uma vez o tempo que, sobrepondo-se às outras perspectivas possíveis da ficção, vem agora criar duplicidade de incerteza, originando um herói vivo que se conjuga com um herói morto e com outro de só existência literária, tudo isto confundido numa obra de literatura... (pp. 39-40)

Seixo, Maria Alzira (1999). *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Sobre os textos



Cota: 80 SIL

O romancista, no entanto, sabe e, por isso mesmo, no privilégio da sua liberdade, dá-se o direito de preencher vazios, de dar voz aos silêncios, de celebrar, enfim, a conquista do tempo pelos verdadeiros operários da História. Mais que com o direito, acredita-se com o dever de cantar o pacto do homem com a vida e de resgatar a verdade, lá onde a ideologia voluntariamente a encobriu. Como hoje, nas sociedades capitalistas, o produto em que se empenha o trabalhador não lhe pertence, mas ao dono da empresa, da fábrica, da usina, ao patrão, enfim, que o converte em lucro, também do passado só restaram, na história oficial, os nomes dos seus eleitos cujo lucro simbólico se afirmou na eternidade de um discurso que os iluminou em detrimentos dos demais.

Faraós constituíram as pirâmides? D. João V construiu Mafra? A descendência brilhante de Lamberto cultivou os campos alentejanos? O discurso desses silêncios é o discurso da ficção. (pp. 265-266)

Silva, Teresa Cristina Cerdeira da (1989). *José Saramago: entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote.

Sobre os textos

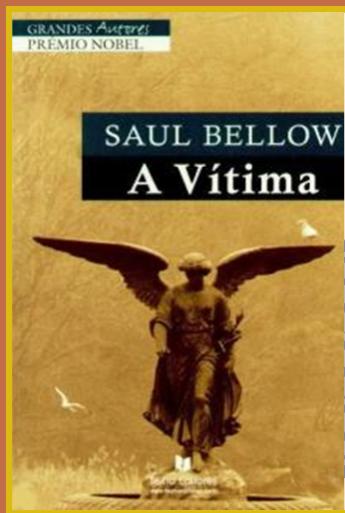


Cota: 80 SOA

Este livro é uma interpretação da morte, a interrogação de um destino destrutivo. Conta-se uma história infiltrada de morte, tomando-a como matéria de um discurso dialógico, poderosamente servido de alguma incredulidade e inocência. Licenciaram-se os caminhos do fantástico, catalisador do histórico, num processo da sua viva interrogação. A partir do momento, cria-se a lição da fábula; não tendo estado nesse mundo que se reinventa, ficciona-se pelo pensamento e pela imaginação. Conta-se, no futuro, o passado. Ao mesmo tempo naquele tempo e muito tempo depois dele. Visão desresponsabilizada pelo fatalismo do já acontecido, mas responsável pela sua instituição em palavra, em narrado. Tempo simultaneamente alheio e próprio da voz que narra. Quem o ouve contar, se dele se quiser aproximar, não sabe bem a que porta poderá bater. No país de D. João V? Ou debaixo daquela terra, onde nasceram canas, de que fizeram flautas, donde saíram vozes que dizem a verdade? (p. 7)

Soares, Maria Almira (1999). *Memorial do Convento de José Saramago: um modo de narrar*. Lisboa: Presença.

Sobre os textos

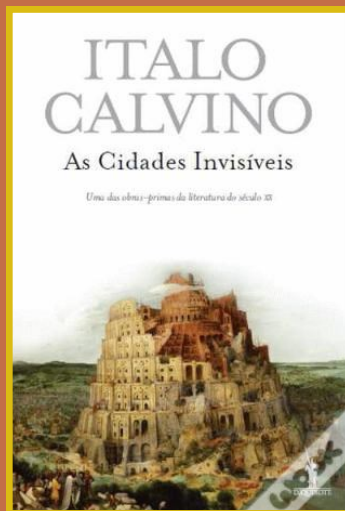


Cota: 821-31 BEL

Mais tarde, deitado na cama, encostado à parede com os joelhos dobrados e a cabeça em cima do pano às riscas do colchão, Leventhal passou em revista os seus erros. Alguns fizeram-no estremecer; outros apertaram-lhe o coração com demasiada força para estremecimentos, de modo que reprimiu pura e simplesmente as suas emoções e expressões fechando as pálpebras. Não procurou poupar-se; recordou tudo, desde o seu ataque a Williston nessa mesma noite até à cena no escritório de Rudiger. Quando chegou aí, virou-se de costas e cruzou os braços nus por cima dos olhos.

Mas ao fazê-lo deu-se conta de uma questão mais profunda que até então não conseguira entender. Estava disposto a considerar-se culpado por ter perdido a cabeça no Dill's. Mas tinha perdido a cabeça porquê? Só por causa do abuso de Rudiger? Não, ele, ele próprio temia que, por mais baixo que fosse, o seu preço fosse sempre demasiado alto para que alguém quisesse pagar pelos seus serviços. (p. 100)

Bellow Saul. (2006). *A vítima*. Lisboa: Texto.

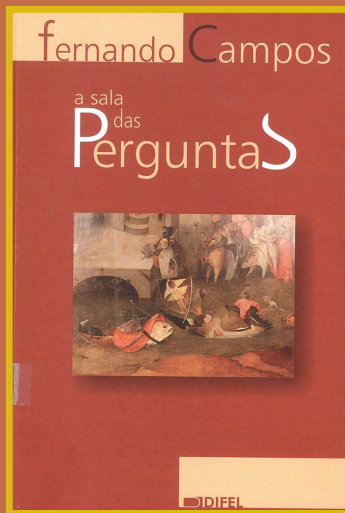


Cota: 821-31 CAL

O homem que viaja e não conhece ainda a cidade que o espera ao longo do caminho pergunta-se como será o palácio real, o quartel, o moinho, o teatro, o bazar. Em todas as cidades do império cada um dos edifícios é diferente e disposto segundo uma diferente ordem: mas assim que o forasteiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar para o meio daquela pilha de pagodes e trapeiras e celeiros, seguindo os gatafunhos de canais hortas lixeiras, distingue logo quais são os palácios dos príncipes, quais os templos dos grandes sacerdotes, a estalagem, a prisão, a judiaria. Assim – há quem diga – confirma-se a hipótese de que cada homem traz na mente uma cidade feita só de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, e são as cidades particulares que a preenchem. (p. 43)

Calvino, Italo. (2017). *As cidades invisíveis* (4.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.

ConTexto(s)



Cota: 821.134.3-311.6 CAM

ConTextos

- Pediste audiência – falou o presidente. – Diz o que pretendes.

- Venho ante Vossas Mercês solicitar me digam minhas culpas por que fui preso. Conhecendo-as saberei se fui preso em causa ou sem ela.

Entreolharam-se os inquisidores como atónitos: Simão de Sá disse: - O estilo do Santo Ofício não é dizerem-se culpas a nenhuma pessoa, mas, primeiro que se prenda alguém, fazer-lhe saber que se lhe examinam bem as culpas. O mesmo se fez no seu caso.

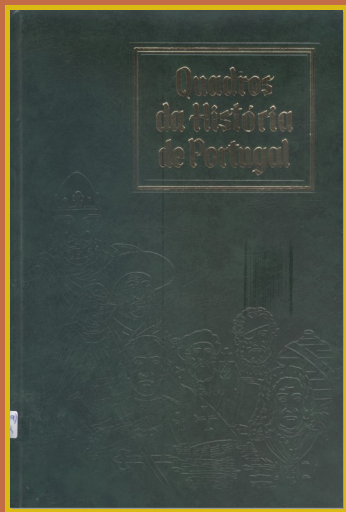
- Parece então haver aqui contradição, visto que primeiro me prendestes e agora quereis examinar minhas culpas.

- Os inquiridores apostólicos contra a herética pravidade e heresia acharam-te culpas obrigatórias a prisão.

- Como assim, se não fui ouvido? Ou será que fui denunciado? Dais fé, sem mais, à alegação de um delator?

- Respeito por este santo tribunal, pelo senhores inquisidores e pelo acto... (pp. 359-360)

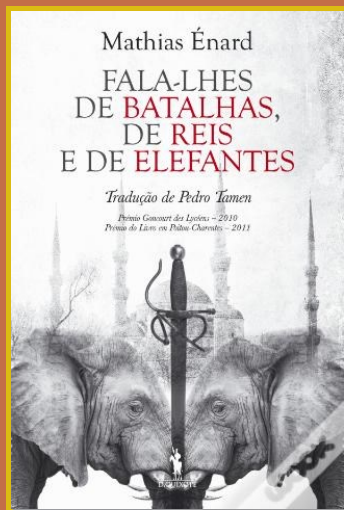
Campos, Fernando. (2005). *A sala das perguntas* (5.ª ed.). Lisboa: Difel.



Cota: 94(469) COR

Ao ser proclamado rei no dia 1 de Janeiro de 1707, D. João V estava convencido, por índole e pelo tipo de educação que recebera, de que Portugal dispunha de recursos inesgotáveis, de que a realza era verdadeiramente de origem divina e de que a sua vontade constituía lei. Em alguns pontos, não em muitos, e apesar da enorme diferença de idades, D. João V tinha semelhanças com D. Luís XIV de França, que morreu em 1715. A célebre frase de D. Luís XIV «L'État c'est moi!» (O Estado sou eu!) poderia ser repetida pelo rei de Portugal. Mas essas semelhanças, na opinião de Pinheiro Chagas, eram limitadas. Citamos mais uma vez o ilustre polígrafo: «Podem florescer no trono, da mesma forma que nas choupanas, grandes inteligências... mas quando embaladas pela torpe lisonja é quase impossível que cheguem a dar fruto. Apesar de todos os seus defeitos, Luís XIV foi sem dúvida um homem notável, mas havia sido educado nas tempestades da Fronda e sentira o domínio de um ministro mais poderoso do que ele próprio, o que o fez reconhecer, à sua custa, quanto podem, mais do que o nascimento, a inteligência e o estudo que preparam para governar. (p. 66)

Correia, Raul. (1989). *Quadros da história de Portugal*. (s.l.): Multilar.



Cota: 821.31– ENA

Miguel Ângelo está deslumbrado com a opulência e o esplendor da corte. Fascinam-no a multidão de escravos, de ministros, da elite dos janízaros, o aspeto nobre e tranquilo do sultão com um turbante branco na cabeça corado por um penacho de ouro e diamantes. Os arquitetos de Bayazid executaram a maquete apenas em três dias, e eis que ela se ostenta agora num rico expositor, o que irrita o artista; tem três côvados de comprimento por um e meio de altura. Ele preferia que a mostrassem muito simplesmente em cima de uma mesa, mas a etiqueta exige que ao soberano apenas se possam apresentar objetos nobres.

Bayazid não esconde a sua alegria.

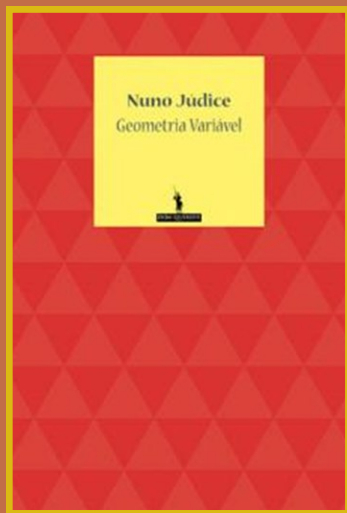
Exibe um largo sorriso.

Felicita o escultor em pessoa, diretamente, e chega mesmo ao ponto de lhe agradecer em língua franca, o que é coisa raríssima.

Os embaixadores de Veneza ou do rei de França não são tão bem recebidos. (p. 105)

Énard, Mathias. (2017). *Fala-lhes de batalhas, de reis e de elefantes* (5.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.

ConTexto(s)



Cota: 821.134.3-1 JUD

Auto-de-fé

Guardavam as unhas e os cabelos cortados,
Descansavam ao sábado, praticavam o jejum
Às segundas e sextas. Muitas vezes, nem sabiam
Porquê; ou então, tinham-no aprendido
De mães ou avós, que nada lhes
Explicaram. Eram presos; postos à tortura; e
Denunciavam amigos e familiares,
Que por sua vez eram presos, e voltavam a
denunciar os mesmos. Diziam que se
arrepentiam; e saíam, como relapsos,
mas sem nada de seu, nem para onde
ir, até voltarem a ser presos. Assim foi
com a família Mora, da segunda
à sexta geração: presos e relapsos, com
excepção dos que fugiram, dos
que morreram na prisão e de alguns
que não tiveram tal sorte, como Hernando... (pp. 91-92)

Júdice, Nuno . (2007). *Geometria variável* (2.^a ed.). Lisboa: Dom Quixote.

ConTextos



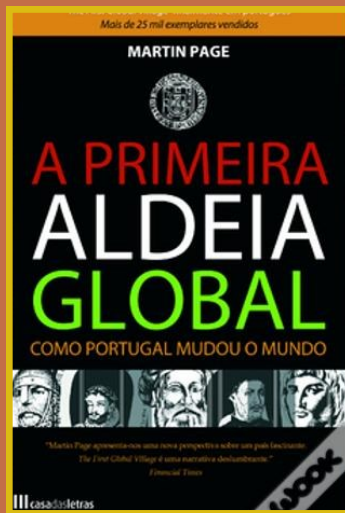
Cota: 821.1 MEI

Já se preparam as festas
para os famosos noivados
que entre Portugal e Espanha
breve serão celebrados.
Ai, quantas cartas e acordos
redigidos e assinados!
Ai, que confusos assuntos
São, para os reis, seus reinados...
Ai, quantos embaixadores
para tamanhos recados!

D. João V, rei faustoso,
entre fidalgos e criados,
calcula as grandes despesas
para os festins projetados.
Ai, quanto veludo e seda,
E quantos finos brocados! (p. 57)

Meireles, Cecília . (1993). *Romanceiro da inconfidência* (3.ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ConTexto(s)

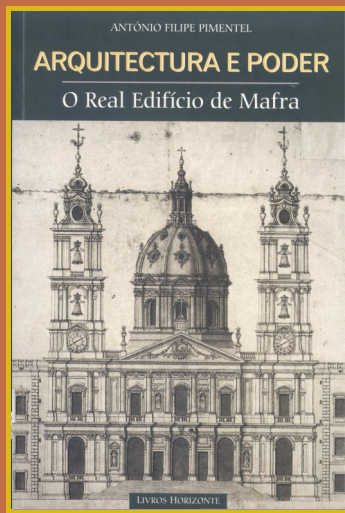


Cota: 94(469) PAG

O reverendo Michael Geddes, capelão anglicano dos mercadores ingleses de Lisboa e das suas famílias, assistiu a um auto-de-fé realizado na capital. A cerimónia – escreveu ele – era conduzida por dominicanos «de capas negras sem mangas, descalços e com uma vela de cera em cada mão. A seguir, vinham os penitentes, que tinham escapado por pouco a ser queimados. Sobre as suas capas estavam pintadas chamas, com as pontas voltadas para baixo, para significar que tinham sido salvos. Depois, vinham os hereges que, tendo recusado a afronta, eram estrangulados antes de serem lançados na fogueira. Seguiam-se os não arrependidos, os denegados e os relapsos, com chamas pintadas nos hábitos, mas apontavam para cima. Por último, vinham todos aqueles que professavam doutrinas contrárias às da Igreja Católica Romana, os quais, além das chamas apontadas para cima nos hábitos, tinham também o seu próprio retrato pintado no peito, rodeado por imagens de cães, serpentes e diabos, todos de boca aberta.» (pp. 190-191)

Page, Martin . (2008). *A primeira aldeia global* (2.^a ed.). Cruz Quebrada: Casa das Letras.

ConTexto(s)



Cota: 80 PIM

ConTecto(s)

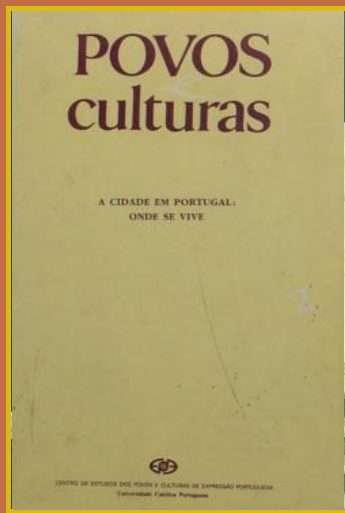
A 17 de Novembro de 1717, em cerimónia da inusitada pompa, lançava D. João V a pedra fundamental do que viria a ser uma das maiores e, certamente, mais complexas e enigmáticas construções portuguesas de todos os tempos: o gigantesco Palácio-Convento de Mafra que, na sua perplexidade, os contemporâneos designariam de Real Edifício.

As colossais dimensões da mole arquitectónica – monumento maior que o Reino – e o esforço épico que exigiu a sua execução, bem como a híbrida natureza do seu organismo (“duvidosa no desenho, entre o mosteiro e o palácio”) e a inevitável ligação ao monarca fundador e a tudo quanto nele se quis simbolizar, estarão decerto na origem da escassez da produção historiográfica a ela respeitante, substituída geralmente por trabalhadores ou mesmo simples referências em obras dedicadas ao período joanino onde, ao sabor dos desiguais talentos, avulta por via de regra a análise passional e subjectiva do monumento e do seu promotor.

Deste conceito de natureza ideológica, que opunha a historiografia tradicional ao universo do absolutismo monárquico e, consequentemente, a todas as suas manifestações estéticas, gerou-se o desinteresse pelo seu estudo... (p. 15)

Pimentel, António Filipe. (2002). *Arquitectura e poder : o real edifício de Mafra* (2.ª ed.).

Lisboa: Livros Horizonte.

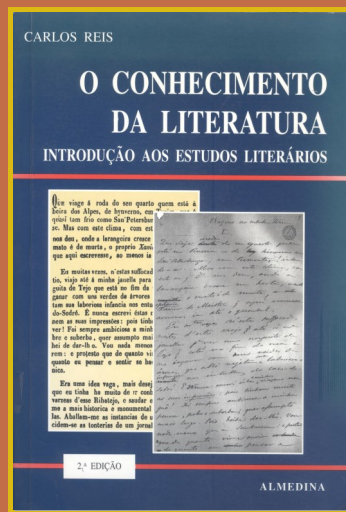


Cota: 94(469) POV

Ultrapassadas as barreiras da política nacional chega-se, finalmente, à criação do mundo artístico e literário: foi o que fizeram Agustina Bessa Luís, Mário Cláudio, e com mais sucesso ainda José Saramago, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Reinventa-se não apenas a linguagem, mas os próprios autores, releem-se vidas e obras por dentro. Será isto um sinal de que a própria vivência está, de momento, esgotada? E há que mergulhar no alheio, como ouve que mergulhar na história, para reencontrar um fio e um caminho? (pp. 400-401)

Matos, Artur Teodoro de, & Medeiros, C. L. (1986). *Povos e culturas*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

ConTexto(s)



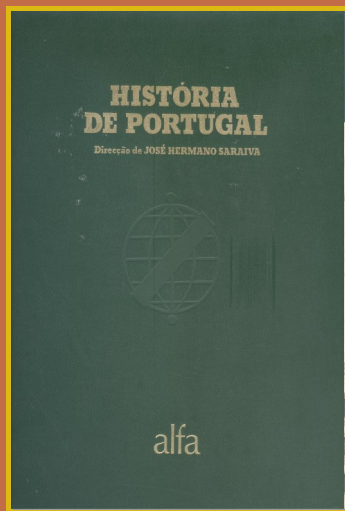
Cota: 80 REI

ConTexto(s)

Esta é uma condição genérica, no que diz respeito aos modos de relacionamento da literatura com a História, mesmo quando este relacionamento constitui um elemento dominante na obra literária. Deste modo, Flaubert, visando o tempo e o espaço de Cartago, em *Salammbô*, ou José Saramago fixando-se na construção do convento de Mafra, no *Memorial do Convento*, acabam por fazer incidir o essencial da acção romanesca em figuras que a História convencional não reteve necessariamente; o que não dispensa o escritor, como Garrett também reconhece, de ter que proceder a um estudo minucioso da época ou épocas que escolhe, consultando documentos, visitando lugares, estudando obras historiográficas, etc.

Alexandre Herculano, que desenvolveu a sua actividade de romancista a par da de historiador, revelou uma consciência muito nítida do que era a responsabilidade do autor de romances históricos. Numa nota ao prólogo do *Eurico o presbítero* Herculano aludiu nos seguintes termos às dificuldades sentidas para conhecer em pormenor a vida dos visigodos... (pp. 89-90)

Reis, Carlos. (2001) *O conhecimento da arquitectura* (2.ª ed.). Coimbra: Almedina.

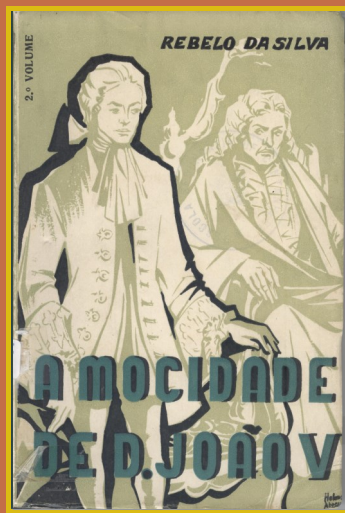


Cota: 80 94(469) SAR

ConTextos

Em termos mais concretos, a melhoria das condições financeiras começou por possibilitar de novo um incremento na contratação de artistas estrangeiros. João Frederico Ludovice, um ourives oriundo da Suábia que nessa qualidade trabalhou em Roma e ainda nos primeiros tempos da sua estada em Portugal, foi um dos que então vieram. Pouco depois de 1711 encontramo-lo já trabalhando como arquitecto, qualidade na qual lhe é entregue em 1717 a direcção das obras do Palácio-Convento de Mafra. A concepção deste contraria radicalmente a simplicidade formal e originalidade até então características da arquitectura portuguesa, substituindo-as por um espírito diversamente influenciado, a que não é certamente alheio o próprio percurso de Ludovice antes de chegar a Portugal. A basílica, por exemplo, está incorporada na residência real que ocupa o número principal, enquanto o mosteiro se acha relegado para a parte posterior. Tal disposição traduz, segundo a maioria dos estudiosos, uma nítida influência germânica. Mas de Itália, Ludovice traz outras não de menor peso. (p. 309)

Saraiva, José Hermano. (1984). *História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa.

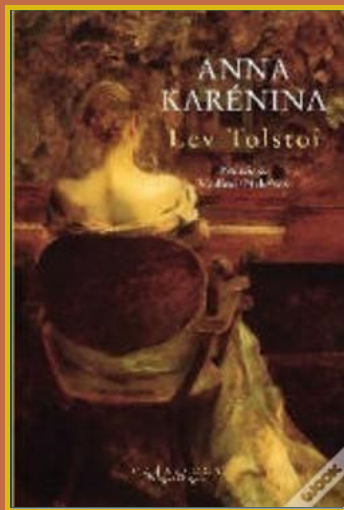


Cota: 821.134.3-311.6 SIL

A alegria é também uma dor aguda, quando a alma a não espera, e sem vontade e sem desejos esmoreceu. Morta para tudo, não volta da sensibilidade à vida, sem que a jornada lhe custe lágrimas e a sobressalte. Era o caso de Jerónimo. Desde a noite em que se recolheu à prisão, habitaram sempre com ele os remorsos inconsoláveis, e as saudades incessantes. Só com os terrores da sua mágoa, mudos os afectos, que lhe tornaram risonha a existência, não ousava olhar para terra, onde via o sangue de Teresa, não podia contemplar o céu nem a esperança, porque o repelia de lá a imagem lacrimosa da donzela. Como o desterrado suspira pela pátria, como o cativo anseia a liberdade, assim o mancebo não tinha nos lábios e no peito senão uma súplica para Deus. No horror dos homens e de si chama pelo tumulto, pelo esquecimento eterno das pernas que o cortavam! Costumado a pulsar com o da Teresa, e só para ele, o seu coração, apenas a julgou perdida, nunca mais soube conhecer-se. (p. 218)

Silva, Rebelo da. (1963). *A mocidade de D. João V*. Porto: Potro Editora.

ConTextos



Cota: 821-31 TOL

Para se tomarem medidas na vida familiar, é necessário que haja entre marido e mulher uma completa discórdia, ou uma amorosa concordância. Mas quando as relações entre os esposos são indeterminadas e não há uma coisa nem outra, nada se pode decidir.

Muitas famílias permanecem anos nos mesmos antigos lugares, odiosos para um e para o outro, apenas porque não existe nem discórdia, nem harmonia.

Tanto para Vronski como para Anna, a vida em Moscovo, no meio do calor e da poeira, quando o brilho do sol não era já primaveril, mas estival, e todas as árvores das avenidas já estavam há muito cobertas de folhas, e as folhas cobertas de pó, era insuportável. Mas em vez de se mudarem para Vozdvijenskoie, como estava decidido havia muito, continuavam a viver em Moscovo porque nos últimos tempos não havia harmonia entre eles. (pp. 744-745)

Tostoi, Lev. (2006). *Anna Karénina*. Lisboa: Relógio d'água.

ConTexto(s)

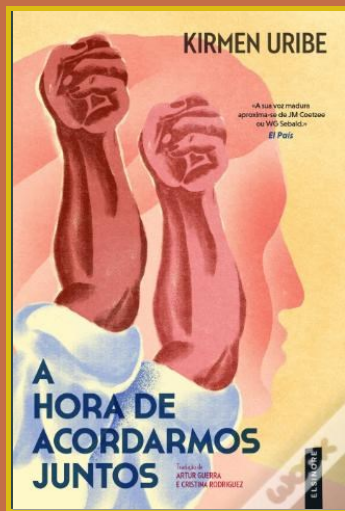


Cota: 821-31 TOR

Distribuíram-se por afinidades teológicas e pela preferência por determinadas bebidas: uns pela água de cevada, outros pela salsaparrilha, outros ainda pela popular orchata, salvo o Inquisidor-mor, que preferiu um copo de frio clarete bebido na sua taça etrusca, uma jóia que trouxera de Itália, adquirida após misteriosos e arriscados tratos em que tinham participado um cardeal da Santa Cúria e uma prostituta de clara linhagem, muito afecta aos interesses da Santa Sé, da qual tinha recebido um título de princesa que arrastava por leitos ilustres, ou pelos menos ricos: Sua Excelência acariciava o requintado cristal enquanto saboreava o vinho, e tanto os seus dedos como a sua língua estremeciam de recordações gloriosas. Olhava, da sua altura, para os seus colegas, e, salvo o padre Enríquez, que era irmão de um grande de Espanha, metido a frade devido a um fracasso amoroso, e o padre Almeida, evidentemente distinguido com a sua preferência, considerava os restantes como labregos empanturrados de textos de latim... (pp. 58-59)

Torrente Ballester, Gonzalo. (1992). *Crónica do rei pasmado* (9.ª ed.). Lisboa: Caminho.

ConTecto(s)

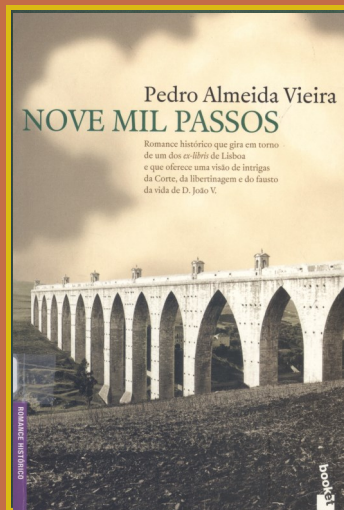


Cota: 821-31 URI

Depois de ver o vídeo que Txomin gravara, peguei na bicicleta e senti necessidade de ir arejar pelo caminho costeiro de Lekeitio. A princípio pedalei devagar, encosta acima, como se ainda tivesse lastro, mas logo a seguir desatei a grande velocidade, encosta abaixo, enquanto ouvia o melodioso assobio dos raios das rodas e sentia o vento de norte no meu rosto, aquela brisa fresca e pura que tanto reconfortava, e vivi aquele prazer íntimo de me sentir livre, em paz, e não pude deixar de dedicar aquele momento a Txomin Letamendi, à sua memória, e apenas por instantes larguei -o guiador e abri os braços ao vento. Quem dera que Txomin também tivesse vivido uma sensação semelhante em Paris quando percorria a cidade montado na sua bicicleta; quem dera que pelo menos a sua felicidade tivesse sido plena naquele dia inocente em que, nos jardins do Château de Belloy, devido aos seus gestos exagerados e gritos de ânimo, fez rir Karmele... (p. 309)

Uribe, Kirmen. (2017). *A hora de acordarnos juntos*: Amadora: Elsinore.

ConText(s)



Cota: 821.134.3-311.6 VIE

ConTexto(s)

El-Rei deveria ter desconfiado que esta tragédia não poderia estar relacionada com o prognóstico do Padre João Antunes Monteiro. Primeiro, porque cheirando a gases de enxofre, não havia registo de que os castigos divinos tivessem essa impressão digital - antes sim poderia ser dedo do diabo, como se acreditava na época. Segundo, deveria ter duvidado que o Altíssimo, mesmo se se aprestasse a actos de vingança ou de raiva sobre aqueles que criou à sua imagem e semelhança, nunca escolheria a sua própria casa, e os seus servidores – mesmo que não fossem muito bons -, para descarregar a fúria. Mas estes seriam raciocínios demasiado elaborados para El-Rei. Por isso, foi desta torpe forma, a mentira, que se contabilizou a primeira desgraça, pois no dia em que a notícia saiu, no único pasquim de Lisboa, o Padre Monteiro foi a correr ao Paço da Ribeira para garantir que El-Rei tomava conhecimento.

Depois deste caso, o Prior de São Nicolau entreteve-se com a outra estratégia, mais pragmática – a de apertar Manuel da Costa Negreiros. Também se compreende porque a Primavera de 1732 teimou em ser solarenga e escassa de nuvens ameaçadoras. (p. 179)

Vieira, Pedro Almeida. (2008). *Nove mil passos*. Lisboa: Dom Quixote.

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário